

O Outro e a angústia¹

Sonia Alberti

Resumo

O texto é um diálogo entre Freud e Lacan sobre o inconsciente e a angústia. Parto do inconsciente como discurso e depois lugar do Outro no ensino de Lacan, para examinar as três diferentes concepções do inconsciente em Freud, visando aos inconscientes que Lacan propõe quando, no campo do gozo, estabelece o inconsciente real. Desenvolvimento que julgo necessário para avançarmos sobre a teoria da angústia, tendo em vista a hipótese de não a haver sem Outro. Assim, a segunda parte do trabalho retoma a angústia em Lacan e levanta a questão sobre os três termos que encontramos no texto de Freud, *Mais além do princípio do prazer*, em que distingue *Angst*, *Furcht* e *Schreck*.

Palavras-chave:

Teoria psicanalítica; Outro; Inconsciente; Angústia.

The Other and the anguish

Abstract

The text is a dialogue between Freud and Lacan on the unconscious and anguish. I start with the unconscious as a discourse and then place of the Other in Lacan's teaching, in order to examine the three different conceptions of the unconscious in Freud, with a view to the unconscious that Lacan proposes when, in the field of jouissance, he establishes the real unconscious. I believe this development is necessary if we are to move forward with the theory of anguish, given the hypothesis that there is no anguish without the Other. Thus, the second part of the paper takes up anguish in Lacan, and raises the question of the three terms we find in Freud's text, *Beyond the Pleasure Principle*, in which he distinguishes *Angst*, *Furcht* and *Schreck*.

Keywords:

Psychoanalytic theory; Other; Unconscious; Anguish.

¹ Parte do trabalho foi apresentada no XII Encontro Internacional da Internacional dos Fóruns da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL), Paris, maio de 2024.

El Otro y la angustia

Resumen

El texto es un diálogo entre Freud y Lacan sobre el inconsciente y la angustia. Parto del inconsciente como discurso y luego del lugar del Otro en la enseñanza de Lacan, para examinar las tres concepciones diferentes del inconsciente en Freud, con vistas al inconsciente que Lacan propone cuando, en el campo del goce, establece el inconsciente real. Creo que este desarrollo es necesario si queremos avanzar en la teoría de la angustia, dada la hipótesis de que no hay angustia sin Otro. Así, la segunda parte del trabajo retoma la angustia en Lacan, y plantea la cuestión de los tres términos que encontramos en el texto de Freud, *Más allá del principio de placer*, en el que distingue *Angst*, *Furcht* y *Schreck*.

Palabras clave:

Teoría psicoanalítica; Otro; Inconsciente; Angustia.

L'Autre et l'angoisse

Résumé

Le texte est un dialogue entre Freud et Lacan sur l'inconscient et l'angoisse. Je pars de l'inconscient comme discours, puis lieu de l'Autre dans l'enseignement de Lacan, pour examiner les trois conceptions différentes de l'inconscient chez Freud, en vue de l'inconscient que Lacan propose quand, dans le champ de la jouissance, il établit l'inconscient réel. Ce développement me semble nécessaire pour avancer dans la théorie de l'angoisse, étant donné l'hypothèse qu'il n'y a pas d'angoisse sans l'Autre. Ainsi, la deuxième partie de l'article reprend l'angoisse chez Lacan, et pose la question des trois termes que l'on trouve dans le texte de Freud, *Au-delà du principe de plaisir*, où il distingue *Angst*, *Furcht* et *Schreck*.

Mots-clés :

Théorie psychanalytique ; Autre ; Inconscient ; Angoisse.

O inconsciente é o Outro

O enorme trabalho de Lacan por um retorno a Freud quando não só já não se lia Freud, mas, sobretudo, em que por isso se voltava a uma época pré-freudiana no próprio seio das instituições psicanalíticas então existentes, levou Lacan a dizer: o inconsciente é o discurso do Outro. Ao dizê-lo, já estamos atribuindo ao inconsciente uma articulação entre significantes, na medida em que um discurso a implica. As leis da metáfora e da metonímia, que sustentam a ideia de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem, presentificam tal articulação de forma absoluta. Freud (1900/1972) as identificava como condensação e deslocamento desde sua *Interpretação dos sonhos*. O que dizia ele ali sobre isso? De um lado, que o sonho é composto por um conteúdo latente e outro manifesto; de outro, que ele é a via régia para o inconsciente. Ao distinguir ambos esses conteúdos, ele precisava que o único modo de acessar o conteúdo latente era por meio do manifesto, a ponto de, em alguns momentos, identificar o sonho como isso que se presentifica no conteúdo manifesto.

Ora, no capítulo VI do livro *O trabalho do sonho*, especificamente no item que trata de “A elaboração secundária”, Freud escreve o seguinte:

Claras nos parecem aquelas partes do sonho nas quais a elaboração secundária pode dar uma organizada; sem pé nem cabeça, as outras, nas quais a força de sua ação falhou. (...) podemos, além disso, concluir que a elaboração secundária também contribui para a intensidade plástica de cada uma das imagens oníricas e deve ser responsabilizada por elas. (Freud, 1900/1972, p. 481, tradução nossa)

Para tentar explicá-lo, Freud lança mão de uma analogia com o que se fazia no originalmente aperiódico e depois periódico jornal, *Fliegende Blätter* (*Folhas Voadoras*), que de 1844 a 1944² publicava textos e ilustrações de altíssima qualidade, mas absolutamente satíricas e irônicas. É possível visitar o pasquim no *site* da Universidade de Heidelberg, que o disponibiliza digitalmente hoje.

Freud teoriza que o conteúdo manifesto é a consequência de uma elaboração que o sujeito faz do próprio material latente, e é essa elaboração que ele chamará de secundária. Ele a aborda de diversas maneiras, inclusive com citações de Havelock Ellis, outras em francês no próprio texto, referindo-se a observações que outros autores já haviam feito sobre isso. A mais curta foi acrescentada em edição posterior, de um texto de 1901, de Leroy e Tobowolska: “No sonho, ao contrário, a interpretação e a coordenação se fazem não apenas com o auxílio dos dados do

2 Recuperado de <https://www.ub.uni-heidelberg.de/helios/fachinfo/www/kunst/digilit/fliegen-deblaetter.html>

sonho, mas ainda com o auxílio dos da vigília. (...) Acreditava-se poder localizar o sonho no momento do despertar, e se atribuía a função de construção do sonho ao pensamento da véspera” (citado por Freud, 1900/1972, p. 482). Freud acrescenta que é razoável que o sonho tenha sido identificado sobrepujadamente com esse momento, que, em princípio, ocorre somente ao despertar, enquanto sua formação se dá justamente quando estamos dormindo, pois o sonho vela pelo sono — o que Freud identifica como uma de suas duas funções.

É a esse trabalho secundário de elaboração onírica que Freud, em 1900, atribui a condensação e o deslocamento. É o conteúdo manifesto que introduz, como diz, uma clareza e organização no caos do que é o conteúdo latente, pois a elaboração onírica “reproduz pensamentos a partir de um material exclusivamente ou sobrepujadamente formado por lembranças acústicas ou visuais” (Freud, 1900/1972, p. 486), e é por isso que surge o cuidado com a figurabilidade, como foi traduzido a *rücksicht auf Darstellbarkeit*. Ela produz as modificações do conteúdo representativo que constitui o conteúdo manifesto, pois o latente é exclusivamente ou sobrepujadamente formado por elementos de letras, sílabas “completamente sem sentido” (Freud, 1900/1972, p. 481).

O inconsciente como *anderer Schauplatz* já implica a figurabilidade da elaboração secundária, pois é uma cena, e por isso ela articula, se pudermos dar um pulo na cronologia da construção da teoria que nos orienta, ou seja, a de Freud com Lacan, ela se articula, necessariamente, com os três registros, o R S I. Mas já não discurso do Outro, e, sim, lugar do Outro, o inconsciente como lugar do Outro.

Em 1915/1975, Freud distingue o inconsciente econômico do dinâmico e do tópico. Nós poderíamos associar aquela passagem da *Interpretação dos sonhos*, com a distinção entre o econômico e o dinâmico: no econômico, estamos apenas lidando com os investimentos do que se encontra no conteúdo latente, enquanto o inconsciente dinâmico já implica a troca com a “consciência de vigília”, como Havelock Ellis, na citação que dele Freud fizera em 1900, identifica com o que Freud chama de elaboração secundária que modifica o latente em manifesto. No texto de 1915, por exemplo, isso permite a Freud demonstrá-lo a partir da análise de um significante, aquele proferido pela paciente de Victor Tausk, que dizia que seus olhos estavam virados. A metáfora, ou condensação — para usar o conceito freudiano de 1900 — do *Augenverdreher* (metáfora vernacular alemã que designa hipócrita, constituída dos termos *Augen*, olhos, e *Verdreher*, virador), que já foi associada à expressão em português de estar com a cabeça virada (Alberti, 1999, p. 7), sofre aqui um desmembramento, de modo que, com essa associação, o sujeito experimenta no real do corpo estar com a cabeça virada como se estivesse no filme *O exorcista*, dirigido por William Friedkin em 1973, e é por isso que a paciente de Tausk diz estar com os olhos virados.

Até que ponto, então, o dito inconsciente dinâmico não é justamente esse *anderer Schauplatz* no qual se articulam R S I no momento em que o sujeito desperta do sonho, quando entra em função o trabalho do sonho, a elaboração secundária? Se isso se sustenta, levanto a hipótese de que tudo o que se conceituou como sendo da ordem do inconsciente como Outro, essa outra cena, dista, em Freud, do que constitui esse outro inconsciente, por ele identificado em *A interpretação dos sonhos* como apenas acessível pelo conteúdo manifesto, mas que é, na realidade, o conteúdo latente constituído de letras, sílabas, pedaços de lembranças acústicas e visuais, como se pode verificar no desmembramento do significante metafórico *Augenverdreher*, que surge na fala desse sujeito para o qual o inconsciente está a céu aberto, como diz Lacan (1981, p. 71): puro real. Se isso se sustenta, portanto, seria possível articular a noção de inconsciente real com esse outro inconsciente, cuja ex-sistência poderíamos derivar da descrição que Freud faz, em 1915, do inconsciente econômico.

O inconsciente real

Justifica-se a criação desse termo no fato de Lacan ter passado todo o seu ensino a buscar furar o discurso preestabelecido. Jacques-Alain Miller, na primeira aula de seu curso de 2006-2007, apresenta duas facetas do conceito freudiano de inconsciente destacadas e trabalhadas por Lacan: o inconsciente transferencial e o real. Não fica dúvida, portanto, de que Miller foi capaz de supor a presença de ambos os inconscientes na própria obra de Freud. É interessante ele chamar o primeiro de inconsciente transferencial, poderíamos dizer, o inconsciente que leva em conta a presença absolutamente necessária para a própria constituição subjetiva: a presença do Outro. Ele o explica assim: “é o inconsciente mobilizado e lido a partir da transferência que o causa e da articulação ao sujeito suposto saber; é sustentado pela ligação entre S1 e S2” (Miller, s/d). Não há, com efeito, nenhuma possibilidade de um sujeito existir sem o Outro, na medida em que o sujeito se constitui como efeito da articulação entre S1 e S2, a partir de sua relação com o Outro. Miller parte da seguinte frase que Lacan expressa em seu seminário *O sinthoma*, em 13 de abril de 1976: “Digamos que é pelo fato de Freud ter articulado o inconsciente que reajo a ele” (Lacan, 2005, p. 132), e isso porque Miller situa que para Lacan houve o acontecimento Freud. Esse muitas vezes metaforizado na história da psicanálise como peste, na realidade sempre novamente sofria o risco de se perder como acontecimento. Era o que estava ocorrendo quando Lacan surgiu, e por isso seu retorno ao Freud original, ou seja, furar o que o pós-freudianismo estava fazendo com Freud, inventando uma psicanálise na realidade pré-freudiana. Com ele, o inconsciente se especificou estruturado como uma linguagem, ou seja, justamente conforme as leis dessa. Para começar, a metáfora e a metonímia.

Estruturado como uma linguagem, porque identificado como discurso do Outro. Ao revisitá-lo, Colette Soler (2009, p. 7) se refere ao enorme esforço e tempo de que Lacan necessitou para “secar o uso do termo ‘símbolo’ que vinha de antes, para substituí-lo pelo ‘significante’”, não necessariamente verbal, e, por isso, apenas homólogo ao conceito linguístico pelas leis de composição, e porque, como esse, o significante em psicanálise tem um caráter diferencial, ele é sempre 1, 1, 1. Há o Um, acaba por definir Lacan. Mas, se o inconsciente é efetivamente condicionado como uma linguagem, condicionado ao fato de sermos falantes, “ele não é linguagem, fazendo frases, ‘proposições’; antes ele é língua, ou seja, multiplicidade inconsistente de elementos diferenciados que não fixam o sentido” (Soler, 2009, p. 11). Isso porque os significantes que se encontram nesse lugar do Outro, S1 e S2, originalmente não fazem cadeia, nem gramática, diz ela. Assim, chega-se “a um simbólico sem metáforas, que Lacan introduziu paralelamente com suas considerações sobre lalíngua (...) que não é linguagem” (Soler, 2009).

Pois Lacan insistia na importância de reavivar o acontecimento Freud. Introduziu na teoria o que chamou de sua única contribuição, o objeto *a*, e, à medida que foi se servindo dele nos anos que se seguiram, ele próprio caído do Outro foi desvelando para Lacan que os discursos são do gozo.

Houve, então, um desdobramento do real: “um Real interno ao Simbólico, e um Real ao qual o saber se acrescenta. Em ambos os casos é claro que não é o saber inconsciente que é dito real” (Soler, 2009, p. 18). O primeiro seria, a partir daí, o saber de lalíngua, real, impenetrável, como ele observa em seu seminário *Mais ainda*: de saber, lalíngua “articula coisas que vão muito mais longe do que o ser falante suporta como saber enunciado” (Lacan, 1975, pp. 129-130).

Em vários momentos de seu ensino até ali, Lacan já se interrogava sobre o saber do real. Em particular, quando interrogava os progressos da ciência, por exemplo, se as leis da física já estavam aí antes de Newton formulá-las, ou se o inconsciente freudiano já existia antes de Freud o descobrir. De todo modo, diz Lacan (2024, p. 288), ele esforçou-se por situar o momento de engendramento da ciência. O saber da ciência: “Isso funciona ao lado do real, mas sobre o real isso morde” (Lacan, 2024, p. 297). De resto, a ciência é uma elucubração, saber decifrado em linguagem que não seria possível sem a estrutura diferencial do significante. Colette Soler explica como isso se dá na clínica psicanalítica: “O ato de decifrar consiste em extrair um significante ou uma série de significantes do material analisante sobre o sintoma” (Soler, 2009, p. 24). E logo observa o que identifica como mudança de estatuto do significante mestre: “pelo deciframento, um significante insabido do saber que não representava o sujeito, mas que regulava seu gozo no sintoma, um S2, portanto — que vocês o chamem signo ou letra, não importa — um significante causa e objeto de gozo, torna-se S1, significante reconhecido como mestre de seu gozo” (Soler, 2009). Ela conclui que esse significante é um S1 “incarnado” e “se

distingue dos S1 tomados do Outro do discurso, e que vão dos ideais do Outro ao falo” (Soler, 2009). A particularidade desse novo S1 junto ao saber “não é reduzida pelo deciframento, ela é recorrente” (Soler, 2009), o que está diretamente relacionado com a frase do prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*, quando Lacan o inicia com a famosa frase: “Quando o *esp d’un laps* [espaço de um lapso] não tem mais nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente” (Lacan, 1976/2001, p. 571).

Levanto a hipótese de que se trata aqui daquilo que abordei com Freud no que tange a esse inconsciente que está no conteúdo latente quando de seu livro sobre *A interpretação dos sonhos*. Esse que associei ao conceito de inconsciente econômico, de 1915, esse que aparece no espaço de um lapso, quando de seu esquecimento do nome Signorelli (Freud, 1898/1999, 1901/1999), ocorrência que se dá por colocar Freud bem diante dos dois reais com os quais o sujeito precisa se haver, como ele diz, o sexo e a morte.

Em 1901, ao retomar o lapso, Freud acrescenta a seus comentários: “O tipo de articulação que surge entre o nome procurado e o tema recalcado (morte, sexualidade etc., no qual aparecem os nomes Bósnia, Herzegovina, Trafoi) é muito particular” (Freud, 1901/1999, p. 9). E, logo em seguida: pois não houve nenhuma preocupação “nem com o sentido, nem com as separações acústicas das sílabas. No processo, os nomes foram tratados de forma similar com que se fazem desenhos de frases escritas para transformá-las em enigmas a serem decifrados (*rébus*,³ *picture-puzzle*)” (Freud, 1901/1999, p. 10). E Freud continua aprofundando a questão, sem conseguir, no entanto, resolver como a coisa toda acabou por retornar somente por meio de “sílabas iguais (ou melhor, séries de letras)”.⁴ Passagem por demais importante em seu texto para nós, que hoje estudamos a letra como ruptura do significante e, portanto, do semblante (cf. Lacan, 2001). É dessa ruptura, aliás, que Lacan introduz o gozo no real como erosão. “A escrita”, diz ele, “pode ser dita no real a erosão do significado”, e não me parece haver melhor exemplo disso do que a análise de Freud de seu esquecimento do nome Singorelli. Razão de não se poder deixar de observar que tal frase — como foi que a coisa toda acabou por retornar somente por meio de “sílabas iguais (ou melhor, séries de letras)” (Freud, 1901/1999, p. 10) — *não foi traduzida* pela Standard Edition — como se pode ler na página 10 da edição inglesa “Por que a censura?” (Alberti, 2008).

Ao apresentar seu nó borromeano, Lacan chega a dizer que o Nome-do-Pai é o nó borromeano. Como poderíamos entender isso a partir do que estou dizendo? Que a inscrição do Nome-do-Pai no simbólico é uma forma de sustentar a amar-

3 Enigma figurado que consiste em exprimir palavras ou frases por meio de figuras e sinais, cujos nomes produzem quase os mesmos sons que as palavras ou frases representam.

4 “*welche über diese Wiederkehr gleicher Silben (oder vielmehr Buchstabenfolgen) hinausginge, scheint zunächst nicht auffindbar zu sein*” (Freud, 1901/1999, p. 10).

ração borromeana entre RSI e dá um sentido. Uma amarração que leva em conta o Outro sustentado na relação S1-S2 que dá um sentido, pois não há imaginário sem Outro, e na junção do imaginário com o simbólico está justamente o gozo do sentido. *Joui-sens*. O Nome-do-Pai como sintoma está também na origem da fantasia inconsciente que se situa aí nessa junção. Mas o Nome-do-Pai como sintoma também leva em conta a articulação entre real e simbólico, pois é diante da castração que o Nome-do-Pai garante ao sujeito lidar com a castração. Lacan tem uma expressão bastante enigmática em seu texto sobre André Gide, quando ele diz que: “A criança Gide entre a morte e o erotismo masturbatório, do amor tem apenas a fala que protege e a que proíbe; a morte levou com seu pai aquela que humaniza o desejo. Eis por que o desejo ficou confinado para ele na clandestinidade” (Lacan, 1958/1966, pp. 752 e seguintes). A humanização já sendo uma forma de pensarmos o sujeito no campo da fala e da linguagem, mas orientado pelo desejo que implica a castração. Esse Outro do sujeito, então, conforme a metáfora paterna, barrado, e, conforme as observações a partir do seminário sobre a *Lógica da fantasia*, faltoso, porque falta um significante ao Outro, esse Outro inconsistente. O problema surge quando lhe suponho uma consistência. Esse problema é o da castração, que, com Lacan, é, antes de mais nada, a castração do Outro. E é ela o que provoca a angústia, o real que isso comporta.

No nó, é possível verificar como o real é mordido pelo simbólico, mas, ao mesmo tempo, isso também demonstra como o real se introduz no simbólico. Pois, se o simbólico é constituído pelos significantes, isso necessariamente implica que há real aí, o significante é o que representa o sujeito para outro significante, e é só isso, são os uns que o são porque são pura diferença. Mas entre eles há sempre o real.

Então, há o inconsciente transferencial, o inconsciente saber e o inconsciente real, insabido. Marcia de Assis (2013), na resenha que faz do livro de Colette Soler, resume para nós: o inconsciente real não faz qualquer saber universal, nem transmissível, e eventualmente ele se verifica já perto do final de uma análise, quando, como observa Lacan (1976/2001), “o esp de um laps, o espaço de um lapso, não tem mais nenhum impacto de sentido”, destituição do sujeito suposto saber e, portanto, passagem ao real. “O espaço de um lapso é o espaço do trabalho transferencial que supõe um sujeito ao lapso e tenta alcançar sua verdade. Quando esse espaço de hystorização não tem mais nenhum impacto de sentido, saímos dessa transferência e entramos no ICSR” (Assis, 2013). Mas o que está fora de sentido não está fora do gozo... Colette Soler “ênfatiza que Lacan propôs uma passagem ao Real pela queda de sentido, em 1973”, mas é só com o que acrescentou em 1976 que ele o associou à “satisfação de fim, que põe termo à miragem da verdade, posto que esta nunca atingirá o oásis de completude, cessando, assim, os amores com a verdade” (Assis, 2013).

Angústia e horror

Tudo isso para abordar uma diferença que, também com Freud, é a nós permitido desenvolver entre o que seria da ordem da angústia, de um lado, e do horror, de outro, a partir justamente da distinção que os dois inconscientes em Lacan permitem cingir. Para isso, precisaremos retornar aos três registros e iniciar com aquele que desenvolvemos menos até agora, o do imaginário.

No *Seminário 22, R. S. I.*, Lacan (1974-1975) retoma seu *Seminário sobre a angústia* observando que ela resulta do furo no imaginário e [que] vem do real. No contexto da metáfora glutona de que já lancei mão, é o real que morde o imaginário aqui. Naquele seminário — *Seminário sobre a angústia* —, Lacan disse que, quando no espelho “o valor da imagem começa a mudar”, institui-se a “aurora de um sentimento de estranheza que é porta aberta para a angústia” (Lacan, 2004, p. 104). Isso porque o imaginário faz a ponte entre dois significantes que o sustentam, de forma a permitir inventar um jeito de passar de um para o outro sem cair no abismo do real por cima do qual a imagem se constitui. E, quando ela vacila, abrem-se brechas que desvelam o dito abismo, abrindo a porta para a angústia. Eis, pois, a primeira definição retomada por Lacan (1974-1975, p. 25) em *R. S. I.*: a angústia resulta do furo do imaginário e advém do real.

No ano anterior ao do *Seminário sobre a angústia*, e também nele, Lacan o ilustrou com o que chamou de apólogo da angústia: imaginou-se vestido de louva-a-deus macho, diante da fêmea mais que duas vezes maior que ele, espelhado em seus olhos facetados, já sem reconhecer-se e com a questão sobre o desejo do Outro para com ele. Naquele momento, Lacan propunha a angústia como efeito da percepção da presença do desejo do Outro, para o qual o sujeito pode ser um resto absolutamente insignificante: “sintoma-tipo de todo acontecimento do real” (Lacan, 1974-1975, p. 25), como ainda 12 anos depois, n^a *terceira*, Lacan definiria a angústia. Se é sintoma, implica o Outro, do que depreendo: a angústia implica o sujeito em sua relação com o Outro.

Mas, justamente: quando nessa relação falta um significante, um desejo que sustente o sujeito e o garanta, em consequência do que a imagem vacila, posso ou reconstruí-la me servindo de outro significante que faça consistir o Outro como Descartes fez com Deus, ou me haver com a falta de um significante no Outro — $S(A)$ —, ou ainda me ver completamente avassalado, como é, aliás, o caso de um Lacan-louva-a-deus macho diante da fêmea devoradora de machos.

Interessante, porque todos nós, em maior ou menor grau, temos a experiência disso, conseguimos acompanhar Lacan em seu apólogo, angustiando-nos como ele se experimenta angustiado na situação. Isso porque Freud já articulava toda angústia com a angústia de castração e a angústia da separação do bebê e da mãe — angústia também da perda do amor nas meninas, que ele associa à de castração no

menino. Se o lemos à luz das fórmulas da sexuação propostas por Lacan, a angústia de castração no menino tange o lado chamado de todo fálico, e a angústia de castração na menina, o outro. Ora, nesse figura o a que, naquele, é substituído pelo Φ , o significante que não tem significado (Lacan, 1975). $S1$ que, por não poder ser todo significado, sempre implicando um resto — o número de ouro (Lacan, 2023) —, não pode ser escrito como metáfora, ou seja, Φ/a , porque 1 e a permanecem separados como a água e o óleo nela misturado. A angústia de castração no menino advém quando isso se desvela, deixando a descoberto o a em função do fato de a relação do sujeito com o falo o implicar castrado de saída: $-\varphi/a$.

Conseguimos também nos identificarmos com o cientista de laboratório em *A terceira* (Lacan, 1974), que pode angustiar-se ao se deparar com o que a ciência poderia produzir. Então, porque a angústia é própria do sujeito que somos e é pois própria do momento em que o sujeito se depara com o que fura a imagem — a não ser que o desmintamos, como Freud o desenvolveu em 1927/1975 quanto ao fetichismo —, somos debitários dela do mesmo modo como somos debitários da castração.

Com efeito, em *A terceira*, a angústia aparece como angústia de castração, ou como medo do medo, como o medo de pegar um avião, pois nele posso voltar a sentir a angústia que senti em um avião da última vez que voei. Novamente, angústia diante do fato de que não há garantias no Outro e que estou à mercê dos ventos, da engenharia, dos pilotos e de seus humores. Fica evidente a inconsistência do Outro.

Ora, a inconsistência do Outro tem no objeto a seu corolário, esse *vor etwas* freudiano que levou Lacan a criar o objeto da angústia, que cai do Outro. Por um lado, mais uma prova de que não há angústia sem Outro e, por outro lado, uma pista para vislumbrar que a angústia é justamente o que surge quando entretemos a ilusão em que caímos ao fazê-lo consistir para que não nos vejamos frente a frente somente com o insabido — ou seja, lá onde o Outro inconsistente, o próprio inconsciente é real.

Com a nova topologia que vai se consolidando no ensino à medida que Lacan nele avança, não há mais “de dentro” ou “de fora” do psiquismo do modo como ainda orientava certa geometria freudiana. Ao dar o máximo de sua atenção ao que Freud percebeu em 1919, quando se deu conta do fato de que o mais estranho é também o mais íntimo, impôs-se uma nova pergunta: de onde vem o perigo que, segundo o que Lacan também retém de Freud, provoca o eu a emitir esse sinal que experimentamos como angústia? Surge a necessidade de identificar outra topologia: o “fora” é o estranho, o objeto a , o que não se associa — se nos fiarmos na terminologia utilizada por Freud (1895/1950) quanto à Coisa que não se associa —, em que reencontramos a voz de Deus, do chofar, por exemplo, ou o olhar de Édipo que o olha do chão depois que ele se arranca os olhos ao saber os crimes que

cometera (Lacan, 2004, p. 212). Ele está fora do Outro do simbólico, não esse Outro no qual o sujeito encontra uma morada, porque nele um significante o representa para outro significante, mas onde ele é não sabido (Lacan, 2004, p. 79), ou insabido (Lacan, 1976-1977, p. 70). Siderado perante o objeto olhar ou vociferador, o sujeito se vê sem o Outro, hiância, *une-bévue*, falha. Daí que, na equívocidade da *une-bévue*, o *Unbewusst* é a própria falha, um outro inconsciente, já não mais o Outro no qual o sujeito do inconsciente se aloja, mas a falha com a qual o sujeito precisa se haver por ela lhe ser original.

Talvez seja isso o que Lacan refere quando, em seu seminário *De um Outro ao outro*, ele observa que a *Urverdrängung* seria uma “*contradiction in adjecto*” (Lacan, 2006, p. 55), ali onde “o saber se apresenta como esse termo onde vem se apagar o sujeito”. A *contradiction in adjecto* é, na lógica, uma inconsistência entre o sujeito e o adjetivo que o modifica. Por exemplo: círculo quadrado, atividade inerte... a *Urverdrängung*: contradição nos termos, não o Outro no qual o sujeito do inconsciente se aloja, mas falha com a qual o sujeito precisa se haver por ela lhe ser original, repito.

O que sobrevém, então, senão os gozos? E os gozos de tal forma que cada um deles, do modo como Lacan já pode observar quanto ao gozo fálico, gozo fora do corpo, por exemplo no caso do pequeno Hans, o que vem do corpo — a vontade própria do *Wiwimacher* — implica a angústia de castração. No caso do gozo do sentido, na junção do imaginário e do simbólico, o que fica fora é o real, e é ele que invade de fora do *Jouï-sens*, provocando a angústia do *non-sense*. Finalmente, no gozo do Outro, na junção do imaginário e do real, é o simbólico que angustia, cobrando a libra de carne diante do que Freud já chamava de angústia moral.

No mais simples nó borromeano de Lacan, o objeto *a* se articula a cada um desses três gozos, e, na medida em que a angústia é sintoma de acontecimento real, sinal da presença do objeto *a*, cada um desses gozos o substitui, mas, como não são significantizáveis, isso não metaforiza, mesmo se não há senão os gozos para fazer consistir minha experiência de falasser. Será que é por isso que, em 1920, Freud distingue *Furcht* e *Schreck* da *Angst*? Poderíamos articular a *Furcht* com o horror de o sujeito se ver absolutamente reduzido a objeto sem recurso a mais nenhum Outro, diante do puro saber do real? E o *Schreck* como a própria experiência traumática repetida *ad infinitum*, que também já não me permite eu me encontrar? Sem sujeito e sem Outro já não há angústia, ao passo que ela ainda subsiste como efeito dos gozos em suas articulações com o objeto *a* — que implica o Outro —, angústia sinal de que mesmo nos gozos algo sempre fica de fora, falta... pois não há relação sexual.

Referências bibliográficas

- Alberti, S. (1999). Apresentação. In S. Alberti (Org.), *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo* (pp. 7-16). Rio de Janeiro: Marca d'Água.
- Alberti, S. (2008). O lugar da sexualidade para a psicanálise. In S. Alberti (Org.), *O sujeito e a sexualidade na aurora do século XXI* (pp. 21-38). Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Assis, M. de (2013, outubro). Resenha do livro *Lacan, o inconsciente reinventado*. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (27).
- Freud, S. (1950). Entwurf einer Psychologie. In *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1972). *Die Traumdeutung*. In *Studienausgabe* (Vol. II). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1975). Das Unbewusste. In *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 119-174). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1975). Fetischismus. In *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 379-388). Frankfurt a.M.: S. Fischer. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1999). Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit. In *Gesammelte Werke* (Vol. 1, pp. 519-527). Frankfurt a.M.: S. Fischer Taschenbuch Verlag. (Trabalho original publicado em 1898)
- Freud, S. (1999). *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*. In *Gesammelte Werke* (Vol. IV). Frankfurt a.M.: S.Fischer Taschenbuch Verlag. (Trabalho original publicado em 1901)
- Lacan, J. (1966). Jeunesse de Gide ou la lettre et le désir. In J. Lacan. *Écrits* (pp. 739-764). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1974). *La troisième*. Recuperado em 22 de julho, 2024, de <https://www.cairn.info/revue-la-cause-freudienne-2011-3-page-11.htm>
- Lacan, J. (1974-1975). *Le séminaire, livre XXII : R. S. I*. Inédito. Recuperado em 2 de dezembro, 2023, de https://www.valas.fr/IMG/pdf/s22_r.s.i.pdf
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire, livre XX : encore*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV : l'insu que sait de l'une-bévue qui s'aile à mourre*. Inédito. Recuperado em 2 de dezembro, 2023, de <http://stafer-la.free.fr/S24/S24%20L'INSU...pdf>
- Lacan, J. (1981). *Le séminaire, livre III : les psychoses*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (2001). Lituraterre. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 11-20). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (2001). Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 571-573). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre X : l'angoisse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

- Lacan, J. (2005). *Le séminaire, livre XXIII : le sinthome*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire, livre XVI : d'un Autre à l'autre* (p. 55). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2023). *Le séminaire, livre XIV : la logique du fantasme*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1966-1967)
- Lacan, J. (2024). *Le séminaire, livre XV : l'acte psychanalytique*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1967-1968)
- Miller, J.-A. (s/d). O inconsciente real. *Opção Lacaniana On Line*. Recuperado em 23 de junho, 2024, de <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n4/pdf/artigos/jamincons.pdf>
- Soler, C. (2009). *Lacan, l'inconscient réinventé*. Paris: PUF.

Recebido: 01/06/2024

Aprovado: 15/06/2024